



Ciência e Ambiente Surto de vírus monkeypox na Europa

“É natural que ainda não se esteja a ver o icebergue todo”

Os casos de varíola-dos-macacos em Portugal deixam de estar circunscritos a Lisboa e Vale do Tejo. Especialistas pedem informação e reforçam a necessidade de conter a transmissão

Tiago Ramalho

Portugal atingiu ontem os 37 casos de varíola-dos-macacos (também conhecida como vírus monkeypox, ou VMPX), sendo que já existem casos fora de Lisboa e Vale do Tejo. A Direcção-Geral da Saúde (DGS) comunicou ontem casos confirmados no Norte e no Algarve, apesar de não definir quantos infectados existem nestas regiões.

Bernardo Mateiro Gomes afirma que, “perante o período de incubação [de 21 dias], é natural que ainda não estejamos a ver o icebergue todo”. O médico especialista em saúde pública alerta para a possibilidade de ainda existirem muitos casos por identificar.

O Centro Europeu de Controlo de Doenças (ECDC, na sigla em inglês) publicou ontem uma avaliação em que determina que o risco de transmissão para a população é baixo. Contudo, destacam que o risco para as pessoas que têm múltiplos parceiros sexuais é moderado.

“Até agora, a maioria dos casos que conhecemos parece ter sido em contexto de proximidade, de transmissão afectiva ou em relação sexual. Mas também há situações de transmissão por gotículas”, explica Bernardo Mateiro Gomes. “Há de forma objectiva alguns comportamentos de risco — mas que não estão associados a transmissão em grupos específicos”, conclui. No documento publicado pelo ECDC, destacam que a natureza das lesões indica que nalguns casos o contágio ocorreu durante relações sexuais, para além da transmissão através do contacto com material infectado pelas lesões na pele e também de gotículas pelo contacto próximo prolongado.

Apesar de a esmagadora maioria dos casos confirmados terem sido identificados como homens, a doen-

ça não é exclusivamente masculina. Neste momento, existe uma mulher como caso suspeito em Espanha.

A necessidade de identificar as cadeias de contágio e tentar conter a transmissão é apontada como essencial por Miguel Prudêncio, investigador do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes. “O VMPX é uma razão para estarmos preocupados, principalmente porque temos de perceber a sua origem e evitar que se propague”, aponta. Apesar disso, destaca que “seria mais preocupante se esta doença tivesse uma taxa de mortalidade mais elevada”, ressaltando que até ao momento não existem relatos de mortes por este vírus.

Vírus sobrevive mais tempo

Ontem, já estavam confirmados mais de 150 casos de VMPX em países onde o vírus não é endémico (como a República Democrática do Congo ou a Nigéria). O Reino Unido comunicou ontem mais 36 pacientes infectados, somando 56 no total. Dinamarca e Escócia registaram pela primeira vez casos de varíola-dos-macacos.

“É um vírus mais estável, que sobrevive mais tempo em superfícies, mas que partilha a potencial transmissão por vias respiratórias com a covid-19”, compara Bernardo Mateiro Gomes.

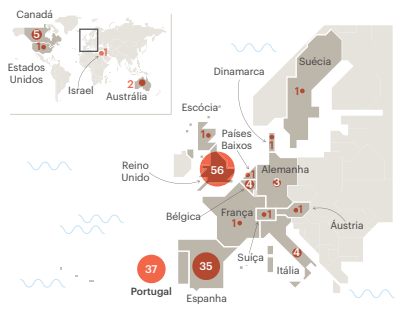
O facto de ser um subgrupo menos transmissível e menos letal do VMPX também é importante para Miguel Prudêncio, já que esta é uma doença que “se autolimita”, ou seja, na maioria dos pacientes, os sintomas desaparecem passadas duas a três semanas.

Conter a transmissão

“Existe a necessidade de fazer rastreio dos contactos [com casos confirmados] e um aconselhamento de



Casos de varíola-dos-macacos afectam sobretudo a Europa



*Dados de 23 de Maio às 18h
Fonte: CDC, DGS, UKHSA

proximidade. E, sobretudo, de fazer recomendações à população para tentarmos conter a transmissão”, aponta Bernardo Mateiro Gomes. A disseminação do VMPX fora da região de Lisboa e Vale do Tejo pode comprometer o corte das cadeias de transmissão.

Ambos apontam ainda uma preocupação comum: a informação. “É

preciso que a população esteja informada e, também, tomar as medidas de prevenção necessárias”, diz Miguel Prudêncio. O investigador prioriza a prevenção e destaca a hipótese de vacinar em anel, dado que a directora-geral da saúde afirmou que existem em Portugal vacinas contra a varíola humana: “Existe alguma evidência de que a vacinação

Das máscaras ao animal de estimação

Em Portugal, para já, há uma recomendação de isolamento físico para os infectados, os suspeitos e os contactos de risco, feita pela directora-geral de Saúde, Graça Freitas na passada sexta-feira: “Quem está doente ou esteve em contacto com um doente deve manter o isolamento físico dos outros e não partilharem roupa e objectos.” Caso tenha suspeitas, deve isolar-se e contactar os serviços de saúde. A vacinação, outra das estratégias de prevenção, está a ser estudada pela DGS — não se sabendo ainda se existem vacinas disponíveis ou se Portugal irá comprar. A Espanha adoptou as mesmas medidas, acrescentando o uso de máscara pelos casos suspeitos e confirmados. O ECDC pede, na avaliação de risco publicada ontem, que os países testem e isolem os animais de estimação que estiveram expostos ou estão em risco de exposição ao vírus.

PUBLICO



Autoridades de saúde estão a analisar o vírus em circulação mas, para já, garantem que o risco para a população é baixo

pode ser benéfica, inclusive em pessoas infectadas, desde que seja feito de forma precoce. E uma possibilidade para conter a propagação será a vacinação em anel, ou seja, vacinar os contactos de risco e assim fazer uma vedação em torno dos casos infectados”.

A vacinação é uma das estratégias mencionadas ao longo da última semana, tendo sido também recomendada pelo ECDC. A DGS confirmou que está a estudar essa hipótese e que existem vacinas em Portugal – mas não avançou quantas estão disponíveis.

“É possível conter a transmissão, mas isso pede trabalho. É preciso levar isto a sério, é preciso informar a população e é preciso capacitar as equipas para fazer o rastreio de contactos, para podermos conter a transmissão”, conclui Bernardo Mateiro Gomes.

Em Portugal, as recomendações para os casos confirmados são de isolamento físico e minimização dos contactos próximos, tal como em Espanha, por exemplo. Na Bélgica, as autoridades de saúde já impuseram uma “quarentena” de 21 dias para todas as pessoas infectadas.

Debate PSuperior

“Estamos a falhar em termos de comunicação”, diz Raquel Duarte

Nicolau Ferreira

Entre uma pandemia que ainda não terminou e uma outra doença que está a preocupar as autoridades de saúde, a ciência e a medicina continuam a ser chamadas para responder a questões sanitárias. O actual surto de varíola-dos-macacos é a mais recente emergência a nível de saúde e científico e, também, a nível comunicacional. E pode estar a gerar problemas.

“Estamos a falhar em termos de comunicação”, assumiu ontem, referindo-se ao vírus da varíola-dos-macacos, a pneumologista Raquel Duarte, antiga secretária de Estado da Saúde e uma das especialistas que aconselharam o Governo durante a pandemia de covid-19, durante um debate do PSuperior, um projecto de literacia do PÚBLICO. “É importante que as pessoas saibam como se dá a transmissão do vírus da varíola-dos-macacos [também conhecido como VMPX, vírus *monkeypox*]. Durante o período em que as pessoas têm as vesículas, podem transmitir o vírus.”

Apesar de ser muito menos transmissível do que o SARS-CoV-2, o VMPX pode ser transmitido por gotículas emitidas pelo doente, pelo contacto directo com a pele ou com objectos usados pelo doente, como lençóis. Os primeiros casos em Portugal foram detectados numa clínica ligada a doenças sexualmente transmissíveis, em homens com idades entre os 20 e os 50 anos. Na última sexta-feira, o secretário de Estado adjunto da Saúde, Lacerda Sales, disse que a varíola-dos-macacos é “uma doença de comportamentos de risco” e não de “grupos de risco”, onde se subentende uma referência a homens que têm sexo com homens.

No entanto, Raquel Duarte é directa em relação a esta questão. “A infecção pode acontecer com uma série de actividades, independentemente das nossas preferências sexuais”, refere. É importante “que toda a gente tenha a percepção de risco”, acrescenta, referindo que é preciso identificar o doente e os contactos. “Qualquer um de nós pode ficar infectado. Qualquer um de nós deve ter cautela.”

Com o título “O poder da ciência nos progressos da medicina mudará as nossas vidas?”, o debate contou com o apoio da farmacêutica Bial e da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Apesar da pergunta no título, a resposta é unânime: a ciência já desen-

volveu ferramentas que a medicina utilizou para salvar milhões de pessoas. “A vacina da varíola [humana] foi a primeira vacina no mundo”, recordou Miguel Prudêncio, cientista e líder de uma equipa de investigação no Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina de Lisboa. “A varíola é a única doença infecciosa que está declarada erradicada graças à vacina.”

No entanto, a dinâmica das doenças muda o panorama. As vacinas contra o SARS-CoV-2 já não respondem tão bem em relação às novas variantes do vírus. Irá a ciência conseguir actualizar-se? “Há prazos mínimos que têm de ser cumpridos para a validação da vacina”, explicou Miguel Prudêncio. “Não é possível pôr uma vacina cá fora assim que haja uma nova variante.” Por outro lado, o cientista sublinhou que as vacinas actuais, apesar de não serem tão boas a bloquear a transmissão, continuam a produzir uma reacção imunitária capaz de minimizar os efeitos nefastos da doença. “As vacinas que estão disponíveis cumprem o seu maior objectivo, que é a protecção das formas graves da doença”, assegurou.

“Há um consenso generalizado de que se estivermos em espaços fechados, em que a transmissibilidade pode ser maior, devemos usar as máscaras. Voltar a um confinamento tem outros problemas, quer económicos, quer sociais. Temos outras formas de lidar com a doença do que voltarmos a casa”, referiu Helena Canhão, directora da Faculdade de Ciências Médicas da UNL.

O painel contou ainda com Bruno Dias, responsável pelo Departamento Médico da Bial Portugal, e João Gonzalez, estudante do Mestrado Integrado em Medicina da Faculdade de Ciências Médicas. A conversa foi moderada pela editora de Ciência do PÚBLICO Teresa Firmino.



Qualquer um de nós pode ficar infectado. Qualquer um de nós deve ter cautela

Raquel Duarte Pneumologista



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Terça-feira, 24 de Maio de 2022 • Ano XXXIII • n.º 11.713 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,50€




Conferência PCP relança debate sobre saída de Portugal da moeda única

Política, 10



Guerra na Ucrânia Soldado russo condenado a prisão perpétua e Batalhão Azov julgado em Donetsk

Mais do que um fardo para a NATO, Suécia e Finlândia reforçam segurança europeia

Destaque, 2 a 4

Só dez funcionários públicos aceitaram ir trabalhar para o interior do país

Ao todo, houve 330 manifestações de interesse em integrar este programa lançado em Julho de 2021

O Programa de Incentivos à Fixação de Trabalhadores do Estado no Interior já teve mais de três centenas de interessados, mas apenas dez pes-

soas se mudaram efectivamente para regiões menos populosas, como os concelhos de Abrantes, Castro Daire, Melgaço, Monforte, Sabugal, Tonde-

la, Vieira do Minho, Vila Flor e Vila Verde. O gabinete da secretária de Estado da Administração Pública, Inês Ramires, diz que o Governo se

empenhou, “desde o primeiro momento, em garantir condições de encorajamento à adesão a este programa”, mas reconhece que os resul-

tados alcançados até agora “incentivam à análise, reflexão e definição de medidas a adoptar futuramente”

Economia, 24



DANIEL ROCHA

Saúde mental
Um terço dos alunos acusa sofrimento psicológico

Sociedade, 14/15

2021
APAV registou 84 homicídios, três dos quais de crianças

Em 40% dos casos identificados pela associação, as mortes aconteceram em contexto de violência doméstica

Sociedade, 17

Entrevista
“Não quero ter um estilo. Luto contra isso”

João Pedro Rodrigues estreia o seu novo filme em Cannes, *Fogo-Fátuo*

Cultura, 28/29



Hoje Passatempo
Dia Internacional dos Museus

Habilite-se a ganhar uma das cinco obras originais do artista Pires Vieira

Saiba mais na página 36

Inconstitucional
Lei dos maus tratos a animais “chumba” pela terceira vez

Juizes do Tribunal Constitucional podem vir a abolir legislação em vigor há oito anos

Sociedade, 18

Relatório
Penas de morte e execuções voltam a subir pelo mundo

Amnistia Internacional registou 20% de aumento nas execuções e 40% nas sentenças de morte

Mundo, 21

Variola-dos-macacos
“É natural que ainda não se esteja a ver o icebergue todo”

Especialista diz que é possível que continuem a existir muitos casos por identificar

Ciência e Ambiente, 26

Pacto de Estabilidade
Bruxelas adia regras que muitos países não iam cumprir

Dos 19 países da zona euro, 14 apontam para um défice público superior a 3% este ano

Economia, 22/23